



St. Gatiens, cathedral de Tours

A nossa estampa representa o mui vistoso frontispicio da cathedral de Tours (cidade notavel da Franca), um dos mais curiosos monumentos que ainda existem da architectura vulgarmente denominada *gothica*.

A cathedral, consagrada a St. Gatiens, primeiro bispo de Tours, começou a ser edificada em 1187; mas sómente se concluiu nos principios do seculo XVI.

Chamamos a attenção dos nossos leitores sobre a elegancia das duas torres daquelle edificio. Refere-se a respeito dellas, que o celebre rei Henrique IV, querendo lisongear os habitantes de Tours, dissera «que necessitavam de ter uma boceta que as cobrisse», como sendo obra mimosa que deveria ser preservada dos estragos da atmospheria e da acção do tempo.

Eram admiraveis as vidraças desta igreja pelas

suas cores e pinturas; mas não estão hoje bem conservadas, e não pódem competir com as das igrejas de Chartres, de Rouen, de Paris, e de Strasbourg.—Um bello florão, em fórma de rosa, delicadamente trabalhado, adorna o frontispicio.—No interior é muito notavel o tumulo, de marmore branco, dos filhos de Carlos VIII, que morreram sendo ainda de menor idade.

Uma observação devemos fazer emquanto ao estylo gothico. As igrejas que, a começar do seculo XI, foram edificadas até ao seculo XIII dentro de poucos annos, apresentam o estylo gothico, na sua pureza classica, se assim podemos dizer; ao passo que as concluidas nos seculos XIV, XV e XVI offerecem já e progressivamente o cunho da exaggeração, que as desvia da simplicidade e unidade primitiva, aliás elegante e grandiosa.—Vejam os leitores o desenvolvimento

desta ponderação no tomo 2.º da grande obra intitulada: *Histoire Littéraire de la France au quatorzième siècle*.

O RATO DE TROMBA

ou o sabio e o soldado, a proposito da enxertia animal

I

Ninguém pôde dizer *à posteriori* aonde começou um descobrimento, assim como *à priori* ninguém é dado determinar aonde hade acabar.

Consultemos os annaes da sciencia, investiguemos e inquiramos a origem de qualquer invento, e ficaremos perplexos, hesitaremos sobre os direitos de prioridade. Quando julgamos **haver** alcançado a certeza absoluta, assalta-nos **nova** e poderosa duvida, e eis-nos outra vez a titubear, sem nos atrevermos a decidir a contenda.

Quem achou a attracção? Foi Newton? Foi Pascal? Quem foi o inventor do calculo das fluxões? Cabe a Leibnitz essa honra? Quem apresentou as theorias chemicas de transformações, composições e decomposições? Quem descobriu o exigenio, a agua regia, o acido sulfurico, o acido azotico, a photographia, a imprensa, a polvora, a artilheria? Quem applicou o vapor á locomoção no mar e na terra? Quem observou primeiro as maculas do sol, os satellites de Jupiter?

Seria um nunca acabar se quizessemos catalogar todos os descobrimentos, cujas origens se perdem não já na noite dos tempos, **mas sim** nas brumas da duvida e incerteza.

Inventos recentes, que datam de annos, cujos descobridores ainda vivem, estão **subjeitos** a gravissimas duvidas, que a boa critica não alcança dissipar de todo.

Se d'aqui passassemos aos inventos antigos e como que primitivos, ao alfabeto, á numeracção, á architectura, ao **kalendarario**, á navegacção, a todas as riquezas legadas pelas gerações, que foram, claro é que nos embrenhariamos em labyrintho enredado, do que não haveria sair-nos a salvo.

Se, pois, quasi todos os descobrimentos, á feição do Nilo, perdem a sua origem no ignoto, alguns ha, e o numero delles é maior do que fôra dado esperar da graveza e philaucia da sciencia, que vão entroncar-se em anedotas facetas e picarescas.

A enxertia animal, ou operacção pela qual um membro é implantado noutra por meio de uma incisão, deve immensos progressos a um soldado francez, pertencente ao exercito argelino.

Durante o primeiros annos da conquista de Argel, feita pelos francezes, o sr. Bory de Saint-Vincent, coronel do estado-maior e membro da Academia das sciencias, sabio já então mui nomeado, andava estudando a fauna e a flora da nova colonia que, até áquelles tempos, mal tinha sido estudada e explorada por naturalistas.

Dirigia-se o sabio coronel aos soldados e mandava-os procurar os objectos, com que queria enriquecer e opulentar as suas bellas collecções.

Entre as raridades, que mais almejava, occupava o primeiro lugar o macroscelide, pequeno insectivoro, do qual habitam duas especies o Cabo de Boa Esperança, e que, provavelmente, em virtude da similhaça e analogia do clima, devia encontrar-se em Argel.

Bory de Saint-Vincent descreveu minuciosamente o animal e disse aos soldados, especialmente aos *zéphyr*s, que o macroscelide era per'n'alto, tinha umas orelhas grandes, cauda maior do que as pernas, terminada por um penacho, e um focinho alongado formando uma especie de tromba.

E como a denominação de macroscelide é arresada e **difficil** de reter, maiormente em cerebros mais **afeitos** á *giria soldadesca* do que ás terminologias semi-barbaras da sciencia, entendeu o sabio militar que, para melhor ser comprehendido, devia denominar o pequeno insectivoro — rato de tromba — nome pittoresco, memento, que, de mais a mais, tinha a enormissima vantagem de lembrar a qualidade proeminente do animal.

Disse ainda o sabio, e consta que esta foi a parte mais applaudida do seu laconico discurso, que daria cinco francos por cabeça do supradito rato de tromba.

O exercito debandou-se logo á procura do innocente e quasi mythico rato.

Se os arabes atacassem os francezes talvez os levassem de rota batida até os precipitarem no Mediterraneo, tão entrelidos andavam elles com o rato e ainda mais com o premio dos cinco francos, capital enorme, cuja equivalencia em copos de aguardente fazia **agua** na boca tanto ao recruta bisonho, como ao veterano de bigode grisalho.

Um dia, nos plainos humidos de Bona e Oran, ouviu-se uma grita immensa. Seria alguma *razzia* dos kabyllas? Eram os ratos de tromba, que surdiam em chusma debaixo dos pés dos soldados. Foram apanhados vinte e cinco, que vieram em triumpho á presença do coronel. Este, por honra dos galões, fez boa cara a tal abundancia de ratos e esportulou a quantia combinada, se bem que logo ali se deu por satisfeito e não quiz mais ratos.

Os soldados não ficaram lá muito contentes, e todos á porfia lastimaram que o animalejo assim caisse das vértiginosas alturas de cinco francos á monotona chateza de zero.

Alguns dos ratos ainda vinham vivos, e Bory de Saint-Vincent domesticou-os a ponto de sairem da gaiola á voz do dono e irem assentar-se-lhe sobre os joelhos, onde saltavam e pulavam.

O macroscelide tem uma especie de capello pardacento que lhe cobre a cabeça. O corpo é amarello e pardo. No labio superior divisam-se uns bigodes hispideos e anegrados. A cauda é formada de anneis imbricados com alguns pellos duros e ralos. Os olhos são negros, vivos, redondos e denotam aguda intelligencia.

O estomago contem sempre sementes e inse-

ctos, o que confirmou as supposições que o coronel havia deduzido do systema d'então.

Cada mandíbula tem vinte e dois dentes, os quaes são irregulares, e os molares apresentam uns espinhos, que lhe formam uma especie de coroa hirsuta.

Como acima dissemos protestaram os soldados voz em grita e com altos clamores contra a supressão do pagamento; só um *zéphyr* filhote de Paris, *gamin émérite et passé maître en fait de tromperie*, pertencente á respeitavel e respeitada tribu dos Beni-Mouffetard, como elles diziam com tanta graça, apostou que era capaz de receber, não já cinco francos, mas o dobro, por um rato de tromba.

Houve apostas sobre apostas. Era a quem havia de sugar mais algum vintem ao *zéphyr* que logo ali ficou tido como um homem sem credito nem fazenda, pois de tal sorte caminhava para o total estrago dos seus haveres.

O soldado ria-se á socapa, e passados dias apresentou ao coronel dois ratos, cuja tromba era quatro vezes maior, e cujas formas eram completamente diversas das de todos os macroscelides apanhados até então.

Bory de Saint-Vincent examinou attento os animalijos, e disse ao *zéphyr*, que cambaleava um pouco e tinha as faces vermelhas com as successivas e ininterruptas libações: «Bem esperto és, mas não me enganas. O caso é que chegaste a resolver um problema, sobre o qual ha muito sabio que conserva grandes duvidas. Fizeste uma enxertia animal, implantando nos narizes destes bicharocos as caudas de outros ratos. Quem teve artes de fazer tal, recebeu boa educação, possui alguma sciencia, e não devia encontrar-se na companhia disciplinar. A vergonha, porem, bebeste-a com a agua-ardente e o absintho, que te embrutecem. Volta para a taberna, já que outra cousa não sabes fazer. Toma vinte francos, emborca-os em vinho.»

O *zéphyr* saiu da entrevista corrido e envergonhado; e de tal sorte lhe calaram n'alma as palavras severas do sabio, que vinte dias depois, morreu na refrega salvando um official.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A PRAÇA DE MAZAGÃO NO TEMPO DE D. JOÃO V

(Continuado de pag. 366)

IV

Até ao anno de 1750, em que morreu D. João V, não encontramos mais acção de nome na defesa da praça africana. Sabem já os leitores qual era a especie de serviço dos nossos soldados. No forragear e no cortar a lenha, trocar um tiroteio com os mouros, que sempre vinham sobresaltar as expedições, e de quando em quando travar batalha rija com elles, quando vinham ás emboscadas tribus inteiras de beduinos. Era um derramar de sangue inutil, porque a praça de Mazagão não valia a decima parte dos sacrificios feitos para se conservar; mas tambem que soberba escola para tropas ociosas! e como os terços

que voltavam d'Africa estariam aguerridos e promptos para entrarem dignamente em linha de batalha com as tropas francezas, ou com as tropas inglezas, com os soldados de Berwick, ou com os de Peterborough.

Não entendeu o marquez de Pombal que essa vantagem compensasse os inconvenientes, e entendeu bem talvez; o que é certo é que no reinado de D. José abandonámos, definitivamente, o solo africano, onde havíamos posto o pé pela primeira vez quatro seculos antes. Durante esses quatro seculos não se passára um só anno sem que o sangue portuguez tingisse ou as pedras das muralhas, ou a relva dos aduares.

Não seria digno de algum dos nossos escriptores empregar a honrosa tarefa de narrar a historia das nossas praças africanas desde o momento em que D. João I entrou vencedor em Ceuta, rodeado dos seus cavalleiros, até ao momento em que o ultimo soldado dos regimentos de D. José I abandonou as praias de Mazagão? Não é essa historia mais ignorada do que a das nossas conquistas orientaes, e não é, apesar disso, igualmente gloriosa? Primeiro foi ali a escola dos heroes que iam militar na India, depois foi o ultimo theatro do valor portuguez. O que ahi deixamos escripto são apenas breves apontamentos, mas que bastam para mostrar que batiam corações tão heroicos debaixo da casaca bordada dos officiaes de D. João V, como debaixo da cou-raça dos valentes de D. João I. A nossa decadencia era evidente; a Europa toda a via, só a não sentiam os Mouros, que achavam sempre igual a tempera das nossas espadas. Matheus Valente do Couto, Manoel d'Azevedo Coutinho são dignos herdeiros das tradições dos velhos adais; e a admiração, que aos Mouros inspirava o capitão-general Bernardo Pereira de Berredo, assemelha-se á que outr'ora lhes tinha inspirado o intrepido Lopo Bar-riga. Porque hão de então estes obter todos os sorrisos da gloria, quando aquelles conseguem apenas uma breve commemoração nalgum livro tão ignorado como o *Gabinete historico*, ou outro alfarrabio que possua qualidades igualmente soporíferas?

M. PINHEIRO CHAGAS.

ROTSCHILD

(Continuado de pag. 365)

Fôra o mais novo dos Rothschilds, — a quem deixaremos o nome de James, para nos não vermos embaraçados nas muitas traducções que em portuguez pôde offerecer este nome proprio, (o que só prova mais opulencia de santos no calendario lusitano) — que, depois da queda de Napoleão, viera estabelecer-se em Paris. Nascera em 1792, com quanto um dos seus biographos, fazendo espirito da sua raça judaica, diga, que fôra impossivel encontrar-se-lhe a certidão de baptismo. Convem dizer que, tão inimigo do sublime exilado de Santa Helena como seu irmão da Gran-Bretanha, festejou a restauração que, além do emprestimo francez, lhes incumbia, por conta da santa alliança, a arrecadação d'essa alluviação de ouro das despezas da guerra e da indemnisação que, passando pelos seus cofres, os fecundou de prodigiosa e incalculavel maneira.

A velha monarchia, remoçada sob o governo de Luiz XVIII e Carlos X, commetteu porém

um grave erro. Se aceitou os favores e proporcionou os grandes lucros do banqueiro, não o admitiu á convivência da alta aristocracia, que tentava limpar-se do pó com que os canhões de Napoleão haviam maculado os seus esquadrelados escudos; e James Rothschild, apesar de já ser barão bem como Nathan, não conseguiu ser recebido com sua esposa no paço real. Isto indispol-o com a antiga realeza e o fez voltar todo de alma e coração (isto é de credito e bolsa) para a monarchia de julho, que, mais humanizada com a burguezia opulenta, não só recebia o millionario judeu, mas até frequentava as suas salas e mais longe levaria as suas condescendências, se mais pressão quizessem sobre ella exercer os milhões do banqueiro.

A natural e sordida avareza de Rothschild, que foi assumpto de milhares de anedotas mais ou menos chistosas e com mais ou menos fundo de verdade, teve de ceder diante da invasão da moda, quando o *puff* da caridade se tornou epidemico na alta sociedade de Paris. Mesquinho sempre na esmola, só a notavel escriptora George Sand alcançou extorquir-lhe (o termo é apropriado) uma quantia mais avultada para um fim humanitario, com um feliz recurso do seu espirito. O banqueiro pozera como condição da sua esmola á telentosa senhora o receber d'ella um authographo. George Sand então pegou na penna e passou um recibo da quantia, com que queria forçar o barão judeu a concorrer para a sua obra de caridade! O ardil teve bom exito; mas aquella esmola agradou menos a Deus do que ao diabo.

N'outra occasião publicava um jornal a noticia de que um notavel artista subscrevera para os pobres com uma avultadissima quantia; e logo immediatamente se noticiava que o banqueiro subscrevera com menos da vigésima parte do artista. Por essa occasião dizia o *Figaro* que a imprensa era parcial, publicando o acto de generosidade do moderno Cresco e esquecendo de mencionar outro, comparativamente muito maior, de um redactor daquella folha, que dá alguns centimos a um mendigo!...

Rothschild, sempre victima da satyra e do epigramma da imprensa e mesmo da sociedade, não corrigiu porém o seu genio instinctivamente mesquinho, comquanto, como todos os homens de alma pequena, tenha ostentado rasgos de generosidade exagerada, ou porque n'elles veja elementos de futuro ganho, ou porque assim lisonjeie a sua grosseira vaidade. É assim que levanta palacios e faz festas sumptuosas, ao passo que se esquivava a dar uma esmola occulta. Um dia, passando em sitio menos concorrido da cidade, um velho tolhe-lhe o passo com a lamurienta supplica de uma esmola: o millionario, de máo humor, responde com phrase analogá ao nosso quasi sempre mentiroso «não pôde ser» e então um estudante, que passando presenciára a scena, com aquella vivacidade natural, atira com um franco ao grupo, gritando: — ahi vaé para os dois! . .

Rothschild, como alma mesquinha, despresou sempre as letras e as artes; jámais acariciou a imprensa, senão quando precisou d'ella para advogar a adjudicação do emprestimo de 1845 e a do caminho da ferro do norte, offerecendo acções a muitos dos seus membros mais distinctos: nunca privou com litterato algum, excepto com

Henrique Heine, que teve sempre a liberdade de o fustigar com o latego da critica a que o seu fino espirito está sempre disposto, e a que as qualidades de barão, de judeu, de avarento e de rico, tanto se prestam.

Com as artes não tem sido mais feliz. Compra quadros de valor com o mesmo bom gosto artistico, com que os compraria um ferro-velho, aproveitando a occasião de poder adquirir por oito o que sabe que vale dez. Por isso tambem os artistas o detestam. Uma vez, lembrando-lhe ir tirar o retrato ao atelier de Horacio Vernet, começou a regatear no preço com o distincto artista. Disse-lhe este que se regateasse lhe levaria dobrado. O millionario insistiu ainda: o pintor triplicou a conta primitiva e o banqueiro fugiu espavorido. Pouco depois Horacio Vernet expunha á admiração pública um quadro que n'uma das figuras accessorias, n'um judeu fugindo receioso com um cofre de oiro, se reconhecia a physionomia do barão.

Em 1846, quando a fome ameaçava o povo, o homem que nos jogos da bolsa, sabiamente dirigidos, os opulentára á custa das pequenas fortunas, receioso que a ira popular, instigada pela necessidade, desvairasse em excessos contra elle e a sua fazenda, a quem o povo via com máos olhos, simulou uns impulsos caridosos, mandando vir farinhas para vender o pão mais barato á povoação e distribuil-o gratuito aos pobres; mas o povo, como que adivinhando as intenções do judeu, cemeçou a negar-se a aceitar o beneficio, desacreditando, pelos boatos mais absurdos, o pão que Rothschild fazia vender, causando-lhe assim uma enorme perda.

Rothschild soffreu um grande paroxismo de terror em 1848, quando a queda de Luiz Filipe lhe podia causar grande abalo nas finanças, e quando a inauguração da republica lhe fazia receiar novos desatinos populares; mas, passada a crise, afagou o povo, festejou o presidente da republica, saudou a elevação do imperador e viveu tranquillo no meio dos seus montões de oiro, que se lhe não conciliam a estima pública, compram-lhe todas as considerações, honrarias e zumbaias de uma sociedade corrupta, devorada pela sede do dinheiro ou deslumbrada pelo brilho d'elle.

Foi depois d'essa época, que, por conselho alheio e satisfação da vaidade propria, inaugurou o asylo dos israelitas, havendo quem afirmasse ter preparado um jogo de fundos adrede para fazer aquelle acto de ostentação, sem despender do capital já adquirido.

Á porfia choveram condecorações sobre o peito do opulentissimo burguez. A Austria nomeou-o seu representante consular em Paris. A propria Russia não se esquivou ao tributo prestado ao autocrata do dinheiro; nem sabemos se algum dos nossos distinctos homens, que teem gerido a pasta dos negocios estrangeiros, se lembrou de pendurar tambem na casaca do judeu a venera de N. S. Jesus Christo, para eterno ridiculo da condecoração e do condecorado.

Eis aqui o desenho moral do principal representante d'essa entidade monstruosa e gigante, que actualmente constitue a casa Rothschild, e que, nos outros paizes, é já representada, conservando as tradições de familia, pelos herdeiros dos primitivos capitalistas.

Grosseiro tambem no trato, como nos sentimentos, descendente de uma raça que gemeu dois mil annos sob o opprobrio e a servidão, alimentando na sua impotencia o seu rancor pelos oppressores, esse homem, elevado ao apogeu do poderio pela riqueza, compraz-se em esmagar com o seu odio desprezo todos os que d'elle se accrcam; e se inspira respeito aos que adoram o sol do luzente metal, se deslumbra como o abysmo, não attráe nem concita sympathia.

É este o condão das grandezas: fascinarem a sociedade e saberem-se decorar com as pompas de brilhantes denominações: o assassino vulgar espera-o o patibulo, em quanto que ao homem que faz um throno de cadaveres, se é feliz e vence, se chama heroe; o corsario é um ladrão, fugindo entre mil sustos ás leis penaes, e o conquistador cinge tranquillo a purpura da realēza:

o pequeno ratoneiro é expellido da sociedade, e arreceia sempre o castigo, emquanto que o ladrão heroe se nobilita e eleva ao fastigio das condecorações: tambem o homem que adianta uns miseros tostões sobre o magro soldo de um amanuense se apoda de agiota e se despresa por vil, e o que especula com as necessidades de uma nação, mais agiota que o pequeno, se decora com o titulo de banqueiro, capitalista, patriota eximio que acudiu ás exigencias do estado!

No physico, apesar de antigas e muitas vezes infelizes pretencões a Adonis, não agrada Rothschild mais do que no moral.

É o bezerro de oiro! e n'isto está dito tudo; comquanto alguem que o conhece affirme que a comparação é infeliz, pois, para haver alguma semelhança, era mister escolher um animal menos gordo e mais feio!

C. B.



Battle Abbey (Abbadia da Batalha), no condado de Sussex

A distancia de 52 milhas, S. E., de Londres, estão as memoraveis ruinas da *Abbadia da Batalha* que a nossa estampa representa, sitas no proprio local em que foi pelejada a grande batalha entre os inglezes e os normandos, — batalha, na qual os primeiros foram completamente derrotados, e morto o seu rei Harold, no dia 14 de outubro de 1066.

No anno immediato (1067) deu o conquistador, Guilherme de Normandia, começo á edificação de uma Abbadia, precisamente no sitio em que a batalha de Hastings se embraveceu mais furiosa; e querem alguns que o altar mór da igreja estivesse assente no lugar, onde Harold foi morto, — e outros, onde o estandarte real caio no poder

dos invasores. Quando a igreja da Abbadia ficou concluida na sua edificação, foi o conquistador fazer offrenda da espada e do manto real no altar mór, e ali depositou tambem o recenseamento, lista, ou catalogo de todos os normandos que o haviam acompanhado na expedição á Inglaterra. A Abbadia foi consagrada pelo conquistador a S. Martinho, e destinada para receber monges benedictinos, vindo os primeiros do mosteiro de Marmoutier na Normandia. (Este ultimo mosteiro, *Martini*, ou *Majoris Monasterium*, era uma abbadia de benedictinos nas visinhanças de Tours, fundada por S. Martinho, bispo da mesma cidade de Tours.)

As ruinas, que a presente estampa representa,

dão ainda mostras da magnificencia da antiga construcção: occupam a circumferencia de quasi uma milha. Querem os entendedores que o estylo da edificação, tal como o revelam as ruinas, prove que a maior parte da antiga fabrica foi reedificada pelos ultimos Henriques, quando a architectura ingleza assumio uma fórma mais brilhante e formosa.

UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 362)

71. O já citado Abadella, filho de Juph, por bemquistar-se com os Cordobeses, declarou-se contra uns tios e irmãos, mas no mesmo inverno por tenacidade do citado Abadella, seu tio Imael, e o primo deste Imael-Iben-Fortum, levantaram um exercito de perto de sete mil homens para guerreal-o. Abadella aguardava-os num monte escarpado, no qual irreflectidamente se occultaram ambos Imaeles com alguns servos e homens de armas. Abadella caíó sobre elles de improviso, e ao fugir Imael-Iben-Fortum, foi derribado do cavallo e feito prisioneiro. Do mesmo modo Imael-Iben-Luza, querendo libertar e defender seu parente, foi apanhado, como tambem muitos dos valentes de Benikasi. O resto do exercito, que estava na planicie, fugio.

O GENIO POETICO DE CAMÕES REVELADO NAS PRODUÇÕES ESTRANHAS AOS LUSIADAS

Canções

Possuimos 16, ou 17 *Canções* do nosso poeta, modeladas pelas *Canzoni* de Petrarca, e ainda por outras da Italia—posteriores ás do famoso amante de Laura.

Neste genero de poesia imitou Camões com demasiada fidelidade os modelos que seguio: e desta circumstancia procedem, como adverte o bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, agudezas subtis, affectos impossiveis, pensamentos vãos, paradoxos, brincos pueris entre as lastimas da dôr encarecida, frieza, escuridade... que em muitas passagens encontramos.

Sirvam de exemplo os seguintes excerptos:

Olhos que são tão bellos
Dão armas de vantagem ao Amor,
Com que as almas destrua.
Porem se he grande a dor
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas com que mata são de sorte,
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
Canção I

De quanto tenho visto
Já agora não m'espanto,
Que até desesperar se me defende
Outrem foi causa disto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que m'encende.
Se cuidão que m'offende
Temor d'esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tão amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento!
Canção IV.

Destes acompanhado
Estou pôsto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
Canção IX.

Custa realmente a crer que um homem de tão alto juizo, um genio sublime, qual era Camões, compozesse estas *agudezas subtis*, estes conceitos alambicados!

Demo-nos, porem, pressa em declarar que algumas das *Canções*, e bastantes passagens de outras, são de uma belleza incomparavel. Quando Camões se desprende dos seus modelos, e escutou o coração e a alma, compoz versos, e expri-mio pensamentos, que nos arrebatam.

Assim, são infinitamente recommendaveis as *Canções* 4.^a, a 10.^a, a 11.^a, o principio da 3.^a, e toda a 16.^a

É da *Canção* 10.^a que o meu predilecto Sismondi apresenta excerptos, considerando-a como a mais bella de todas, a mais maviosa, a mais melancolica, um lamento eloquente do desgraçado destino do poeta.

Rasão tem Sismondi: naquella *Canção* tudo é bello, tudo encanta. — Escutae:

Junto d'hum secco, duro, estéril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido

.....
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, mãos e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios:
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu ja no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza:
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
etc.

Justificadamente caracteriza de *bellissima* esta *Canção* o critico moderno Costa e Silva, e não se aventurou muito quando disse que poucas, na lingua portugueza, pôdem competir com ella em merecimento lyrico.

Tambem a 11.^a *canção* contém primores de poesia, e admiravel eloquencia de sentimento:

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado:
.....
As lagrimas da infancia ja manavão
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos, que no berço dava,
Já como de suspiros me soava.
Co'a idade o fado estava concertado:

Por que quando por caso m'embalvão,
Se d'amor tristes versos me cantvão,
Logo m'adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristeza!

Aqui a melancolia do poeta é branda e suave; mas quando na sua pintura chega ao tempo dos trabalhos e da desgraça, os sons que arranca da sua lyra despedaçam a alma:

Dest'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não; mas o destino fero, irado;
Qu'eu, inda assi, por outra a não trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida chara.
Agora exprimentando a furia rara
De Martê, que nos olhos quiz que logo
Visse, e tocasse o acerbo fructo seu.
etc.

Como é graciosa e terna a Canção 4.ª, quando rompe neste mavioso canto:

Vão as serenas ágoas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não párao;
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começáão.
Alli se me mostráão
Neste lugar ameno,
Em qu'inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro;
Riso brando e suave; olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estará pintado.
etc.

A Canção 16.ª é de uma belleza, de um mimo, de uma amenidade incomparaveis. Ao ouvirmos a deliciosa toada dos versos, tão engenhosamente cadenciados, affigura-se-nos que estamos ouvindo a musica mais arrebatadora:

Por meio d'umas serras mui fragósas,
Cercadas de sylvestres arvorêdos,
Retumbando por ásperos penêdos,
Correm perennes agoas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada
Celebrada,
Por qu'em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Qu'excede a qualquer outra mais formosa.

Esse novo Eden, porem, que o poeta pintou imaginoso, seria, ainda assim, uma solidão monotona, se aves canoras não viessem allegral-o com seus cantos,—se a presença de outras, e de diversos seres não viessem tambem dar-lhe realce:

O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E d'outro o pintasilgo lhe responde;
.....
Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rôla geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira,
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio
Por o prado

D'herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deo
À humana gente a industria d'Aristeo.

Necessario fóra encher longas paginas, se quizessemos apontar todas as bellezas que nas Canções do nosso poeta encontramos. Apenas observaremos que tambem nellas se nos depára a pintura das scenas da natureza, tão viva como a que admiramos em algumas passagens dos Lusíadas.

Assim, a Canção 3.ª rompe dest'arte na descrição radiante de uma bella manhã:

Já a rôxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo;
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respirão nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

— É tempo de terminar o exame das Canções. Descontando os defeitos que apontámos no começo deste artigo, e constituem a excepção, podemos affoutamente asseverar que brilham ellas pela *fluidex de versificação sempre harmonica, pela belleza dos pensamentos, pela graça das pinturas, pela elegancia do estylo, perfeição e cadencia dos versos*, como judiciosamente diz o critico moderno Costa e Silva. — No artigo immediato fallaremos das Odes.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

BEATRIZ

Scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 370)

XXVII

Tratado o casamento de Beatriz com D. Fernando, começaram para os dois amantes dias de muita felicidade. O outomno, com os seus mil encantos e com a poesia indizível e melancolica, que o reveste, succedeu ao estio e o sr. Hikling deixou o seu parque das Furnas pelo seu palacete da gloria, em que costumava passar os primeiros mezes daquella estação. O conde, como seu hospede achava-se ali. Todos os dias montava elle a cavallo, para se ir passar com Beatriz horas e horas, que para elle volviã ligieras, como os pensamentos que lhe agitavam o espirito.

D. Fernando sentia-se viver pelo coração e o sentimento completava-lhe a vida d'alma, que a aridez da sciencia não deixara expandir-se em toda a sua amplitude. As idéas que outr'ora lhe povoavam a mente agora avultavam-lhe ao espirito, illuminadas pelo amor que o embalava com suaves devaneios.

As suas tardes corriam junto de Beatriz numa vistosa eira sobranceira ao mar. Era então o tempo das colheitas. Em torno dos dois amantes brilhavam formosas juntas de bois e lidavam nos seus labores as ceifeiras e os homens da lavoura da morgada; para elles, porém, tudo lhe perpassava ante os olhos, como um mimoso quadro da escola flamenga, ora captivando-lhe a attenção,

como uma obra d'arte mui prima, ora deixando-os engolfados na sua muda contemplação.

Nesses instantes se levantavam ante os olhos da imaginação de D. Fernando scenas de paz, de amor e de felicidade, passadas n'aquella tranquillidade mansão, que se lhe affigurava haver-se de transformar para elle em templo de adoração e de estudo. As suas aspirações de gloria grangeada nas lides tranquilladas das letras avivaram-se-lhe mais; é que elle anhelava pela aureola que ella dá, a fim de apparecer á mulher que amava com todo o seu prestigio.

As suas theorias philosophicas, bebidas na lição dos livros, acrisolavam-se pelo amor e ampliavam-se pelo sentimento do infinito.

O sentimento moral, desconhecido por Kant e por elle até então, tomava nova importancia aos seus olhos, desvaneciam-se ante o amor, como ante os primeiros raios do sol, que ao alvorecer espargem luz, calor e vida por toda a natureza, se dissipam as nevoas que reboçam as montanhas com seu humido manto.

Nos arroubos do sentimento e no seio do amor se lhe ia a vida. Beatriz não era para o conde, sómente, a mulher que se deseja e que pela languidez do olhar, os requebres do corpo, e as meigas inflexões da voz desperta as paixões, exalta os sentidos e lhes promete as mais voluptuosas sensações, Beatriz para elle era mais do que tudo isso, era uma apparição celestial, que lhe idealisava o amor e lhe vibrava as mais sonoras cordas do coração.

XXVIII

Por uma formosa manhã de primavera, em que a natureza começava a exhalar as suas mais gratas fragancias, saio o conde a passear com Beatriz, que, toda risos, ora se detinha a olhar para o oceano, ora se enlevava nas paisagens que percorria, ora parava para mirar o mimo das rosas silvestres, que prendiam de altos muros, ora para aspirar os aromas dos nossos jasmims e das flores que desabrochavam.

A' noite se recolheram os amantes mais amantes. Parecia que os laços do seu amor se haviam apertado e que as sensações daquelle dia lhe haviam inspirado um sentimento mais intimo.

Dir-se-ia que as flores abrindo-se para exhalar aromas, as meigas brisas servindo os seus amores, a mariposa voando por sobre ellas e colhendo-lhe os perfumes, o doce e lascivo passarinho gorgeando entre os virentes ramos e as ondas do oceano, beijando mansamente as praias, e embalando suavemente os barqueiros que entoavam seus cantares maritimos, estavam ensinando o amor e lho haviam exaltado.

A' noite o conde despedio-se de Beatriz. Longa e tristissima foi essa despedida. Julgar-se-ia o ultimo adeus dos dois amantes.

Em virtude da inconstancia do nosso clima áquelle dia tão formoso succedeu uma noite tempestuosa, como ás mais risonhas scenas da nossa vida succedem, ás vezes, as mais tristes. Na atmosphera accumulava-se uma temerosa carga de electricidade. Negras nuvens, tomando phantasticas formas, ora de altos castellos, ora de altas montanhas, ora de esquadrões de soldados, assombravam o céo. O conde, ao recolher-se a casa do sr. Hikling, estava preocupado por um triste presentimento, quando lhe entregaram uma carta.

Era da condessa de Altamira.

Porque mysterio, porém, lhe veio á mão essa carta d'além mundo? perguntará o leitor, meio convencido que fazemos entrevir aqui uma mão de finado, para cortar o fio da felicidade do conde. Engana-se, todavia, o leitor, que não acreditamos em almas do outro mundo, que valham para prestarem bons serviços em romances. Uma mão viva, animada, formosa, peccadora fóra que escrevera essa carta; porque a noticia da morte da condessa era falsa.

XXIX

O estado de agonia em que o conde passou aquella noite é impossivel descrevel-o. Pela manhã o general, que toda a noite o ouvira passear, foi ao seu quarto saber da sua saude; D. Fernando estava de pé, pallido como a morte. Nos olhos, abaixo dos quaes se viam dois traços azues, lia-se-lhe a dôr profunda que o dilacerara. O general atonito disse-lhe com ar meio jovial, meio ansioso:

—Temos arrufos de namorado?

—Aprovera a Deus que assim fosse, replicou o conde, estendendo-lhe a carta.

O general leu-a e exclamou:

—Santo lenho da vera cruz, parece-me que me vararam o coração com uma bala.

—E' o que eu preciso general, já que o sinto confranger-se todo com tão dolorosas contracções.

—Conde é mister ter coragem, ser superior ao destino e desterrar para longe essas idéas de suicidio.

—Idéas de suicidio, notou o conde, mas quem falla em suicidio, general?!

—E' porque receiava que fosse essa a idéa que devia deduzir das palavras de v. ex.ª

—Enganou-se, meu amigo, a morte do suicida não me seduz; que é de covardes e villões acabar pelas proprias mãos, sem servir a patria ou a humanidade. Morrer, porém, no campo da batalha como um bravo, pugnando pela liberdade de uma terra, é cerrar os dias da vida como um homem de coração pode e deve desejar.

—Bravo, conde, tornou o general, abraçando-o. V. ex.ª pensa como eu, que sempre anhelei por morrer no campo da gloria coberto de louros.

XXX

Pouco tempo depois dessa conversa, o conde entrava ao serviço da America na guerra da independencia. Ahi distinguio-se sempre pela coragem e pelo heroismo nos campos da batalha. Onde os combates se tornavam mais renhidos e os perigos maiores, ahi apparecia o conde, fulminando os amigos, como um raio de valor que era. Num dos seus heroicos commettimentos caio ferido por uma bala que lhe trespassou o coração.

As horas felizes do conde voaram ligeiras, como as da maior parte dos homens. A's suas doces emoções succederam tão depressa as da saudade que para elle o amor, que lhe vivificou o coração e animou a existencia, foi apenas um episodio da sua vida, uma scena tão formosa como fantastica, que só servio para lhe levantar a alma para Deus.

Continúa)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

Typ. Franco Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.